

NO LEVAR DA CORRENTEZA: FIGURAÇÕES NA COMUNIDADE SÃO JOÃO DO TUPÉ

Andreza Vidinha De Paula

Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia- PPGSCA/UFAM. Bacharel em Turismo- FAMETRO

RESUMO

Amazônia faz parte do sonho de muitas pessoas pelo mundo, pessoas que idealizam o eldorado perdido na imensidão da floresta Amazônica. O turismo por sua vez começou a oferecer atividades que promovem experiências de interação entre homem e natureza. O turismo praticado em comunidades no Amazonas trouxe uma atividade de lazer e de exploração do território, atingiu os visitantes e os sujeitos moradores de comunidades ribeirinhas. As experiências proporcionam verdadeiras trocas culturais, econômicas e sociais entre visitantes e os visitados. Com a pretensão de poder ouvir os moradores da comunidade, entender suas fragilidades e suas transformações esta pesquisa se firmou em fazer uma análise do turismo e suas imbricações em meio à realidade vivida, centrando-se na discussão das figurações estabelecidas na comunidade São João do Tupé (*locus* da pesquisa), localizada na margem esquerda do baixo Rio Negro, a cerca de 25km de Manaus-Am. A escolha por esta comunidade deu-se por seu envolvimento direto e indireto com o turismo, seu conjunto de atrativos potenciais para a criação de um produto turístico. O objetivo central foi identificar as formas de organização adotadas pela comunidade que sofreu e sofre influência política, cultural e social, identificando o reflexo desta influência no modo de vida dos moradores. Utilizamos uma abordagem interpretativa da cultura indígena local, tendo como base a pesquisa do tipo qualitativa e descritiva, com entrevistas semiestruturadas e a utilização do ensaio etnográfico que nos possibilitou a vivência junto ao modo de vida local. Fizemos uso dos procedimentos técnicos da pesquisa bibliográfica e documental. Concluímos que a comunidade necessita urgentemente de um planejamento turístico adequado as suas condições de sazonalidade Amazônica, de melhorias na infraestrutura local que possibilite a sobrevivência do turismo local.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo – Comunidade - Figurações

ABSTRACT

Amazon is part of the dream of many people all over the world, people who idealize the eldorado lost in the vastness of the Amazon rainforest. Tourism for your time began offering activities that promote experiences of interaction between man and nature. Tourism in the Amazon communities brought a leisure activity and for the exploration of the territory, reached the visitors and subject residents of riverside communities. The experiments provide true cultural, economic and social exchanges between visitors and visited. With the intention of being able to hear the residents of the community, understand their weaknesses and their transformations this research has to do an analysis of tourism and its impact, appear in reality, focusing on discussion of the representations established in the community São João do Toupee (locus of research), located on the left bank of the lower Rio Negro, about 25 km of Manaus-Am. The choice for this community came about by your direct and indirect involvement with the tourism, your set of attractive potential for the creation of a tourism product. The main objective was to identify the forms of organisation adopted by the community that suffered and suffers political, cultural and social influence, identifying the reflection of this influence on the way of life of the residents. We use a local indigenous culture interpretative approach, based on the research of qualitative and descriptive type, with semi-structured interviews and the use of ethnographic essay that enabled us to experience next to the local way of life. We made use of the technical procedures of bibliographical research and documentary. We conclude that the community urgently needs an adequate tourism planning their seasonality, of local infrastructure improvements to enable the survival of local tourism.

KEYWORDS: Tourism-Community- Figurations

1. Introdução

Os costumes e o modo de vida Amazônico despertam o interesse de pessoas de diversos cantos do mundo. Uma realidade tão distinta que transformou um segmento turístico em um dos principais agregadores para a renda familiar de comunidades ribeirinhas, proporcionando experiências vivas para além da própria cidade, como: banho de rio, rituais indígenas, passeio de barco por entre as estradas de rio, gastronomia e tudo que inclui uma real aproximação com a floresta.

O ponto de inquietação para esta pesquisa surgiu da necessidade de identificar e compreender as diversas figurações da comunidade São João do Tupé frente à frenética atividade turística no Amazonas. Como se configura a relação entre o turismo e a própria comunidade na qual são residentes? Como se organizaram para o enfrentamento das diferenças culturais? Quais modos de vida foram adotados ou mudados na adaptação de uma

nova figuração de atualidade? Para que pudéssemos chegar a respostas que nos possibilitassem a compreensão do espaço pesquisado foi necessário atrelar as experiências em campo a teorias e conceitos que acabaram sendo utilizadas como verdadeiras bússolas do conhecimento. Como principal guia na tradução da realidade vivenciada se fez uso das obras e apropriação dos conceitos figuracionais do autor Nobeit Elias, possibilitando a compreensão de diversas figurações estabelecidas na comunidade São João do Tupé e as relações de interdependência e poder, explorando a influência do turismo nestas relações socioculturais.

Desta forma, nossos objetivos se firmaram em compreender o significado da atividade turística para a comunidade e a consciência ambiental perante o espaço usado; analisar as relações socioculturais entre os visitantes e a comunidade e identificar os impactos estabelecidos através do atrito rural e urbano, seja eles negativos ou positivos.

Iniciar um estudo analisando o espaço do outro e como ele lida com esse espaço não é uma tarefa fácil. Antes de tudo é preciso fazer uma limpeza da própria percepção de ser e existir em nós mesmos, na tentativa de não impor um olhar julgador diante da realidade alheia. Apenas traduzir ao mais fiel possível todas as vivências e percepções ao longo de dois anos dedicados ao estudo deste espaço e tudo aquilo que intrinsecamente estava ligado e que precisou ser aprendido para a compreensão das relações sociais, culturais e econômicas envolvidas.

2. Metodologia

Com base em nosso objetivo geral podemos classificar esta pesquisa como qualitativa e descritiva e com base nos procedimentos técnicos de pesquisa classificamos como bibliográfica e documental, tendo como principal foco entender, descrever e, traduzir os fenômenos sociais e culturais dos grupos pertencentes à comunidade São João do Tupé.

Utilizamos a pesquisa qualitativa juntamente com o uso dos procedimentos etnográficos o que nos foi permitido dentro do tempo estabelecido de 24 meses. Segundo Angrosino (2009), vem desempenhando papel fundamental em descobertas sobre relações de campo, abertura e direcionamento rumo a um campo e seus membros, tendo como foco entender o comportamento e a cultura de grupos sociais em comunidades.

A utilização da pesquisa descritiva nos possibilitou alcançar a descrição das características determinantes dos membros da comunidade e as relações existentes entre as variáveis, fazendo uso de técnicas como a observação sistemática para a coleta de dados. [...] Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, e pretendem determinar a natureza dessa relação (GIL, 2002. p. 42).

A utilização do ensaio etnográfico como procedimento permite uma pesquisa personalizada, onde o pesquisador se coloca frente a frente com as pessoas em estudo, sendo tanto participante quanto observador da realidade alheia. Este tipo de pesquisa é conduzido de forma indutiva, utilizando-se de descrições detalhistas, possibilitando a construção de teorias gerais ou explicativas. Desta forma, buscamos revelar um retrato mais fiel possível da realidade do grupo em estudo.

Utilizamos da interação social nas entrevistas semiestruturadas para obter informações importantes, seguindo o roteiro contendo tópicos com perguntas direcionados a problemática central da comunidade. Nosso objetivo com a escolha da entrevista semiestruturada como uma das técnicas no campo foi deixar transcorrer uma conversa aberta, que não estivesse amarrada aos padrões de entrevistador e entrevistado, nos possibilitando respostas livres e espontâneas. dar voz a pessoas dispostas a contar sobre suas experiências, possibilitando-nos reconhecer suas perspectivas diante de suas ações no cenário pesquisado.

Desta forma, buscamos identificar e analisar as figurações formadas na comunidade, suas relações socioculturais e ambientais ligadas ao turismo. À medida que se adentra no modo de vida, nos costumes, nas reflexões sobre o tempo dos sujeitos, nas estruturas e em suas teias que interligam as diversas relações de interdependência. Conectamos diversos saberes para assim compreendermos o todo, através de cada parte.

O campo pesquisado é rico em conhecimentos tradicionais, bem como em história, religião, fauna e flora, tudo que traz experiências legitimamente amazônicas. Para uma pesquisa de mestrado, já com a ajuda do orientador, necessitou-se trilhar um único caminho e enxugar as categorias a serem trabalhadas, ou seja, afunilar os objetos a serem trabalhados.

A regularidade das atividades turísticas na comunidade depende diretamente do tempo do rio, na verdade muitas comunidades e interiores no Amazonas seguem o calendário das águas, pois estes espaços estão intrinsecamente ligados. O rio é a extensão do quintal em casa. Não somente o turismo recebe os impactos da vazante, mas todas as atividades e hábitos na comunidade são afetados. Há uma reconfiguração entre homem e ambiente tanto nos períodos

de cheia quanto na vazante.

De maneira conclusiva, buscamos em toda pesquisa descrever de maneira mais fiel possível o que foi capturado através dos sentidos. Utilizando-se das bibliografias como purificadores das percepções, com o intuito de poder enxergar os valores imateriais do campo em estudo.

Sob a luz dos conceitos Elisianos para interpretar a comunidade São João do Tupé utilizando o pensamento de figuração e as relações de interdependências que se estabelecem entre os membros da própria comunidade e seus visitantes. Tais figurações como família, escola, associações, dentre outras, foram surgindo e se modificando de acordo com as adequações que a comunidade precisou fazer para sobreviver as influências da globalização e ao novo modelo adotado de turismo, meio ambiente e sustentabilidade.

Segundo Elias (1970), *as figurações são redes de interdependências humanas moldadas por formas estruturais específicas, porém flexíveis e sujeitas a constantes transformações*. Podemos concluir a partir deste que a comunidade atrelada ao turismo formara redes de interdependências, onde se ligam, voluntária e involuntariamente, por meio de suas inclinações e necessidades. Seria um argumento básico para explicar que as pessoas precisam viver em sociedade para sobreviver, tanto individualmente, quanto em grupo.

3. Resultados e discussões

3.1 Vivências em São João do Tupé

As visitas à comunidade foram periódicas durante a cheia e a seca dos rios. Para que pudéssemos visualizar a sazonalidade do turismo, as mudanças figuracionais e a logística de transporte dificultada no período da vazante dos rios. A diferença no nível de água toma grandes proporções, obrigando muitas famílias a se descolarem da comunidade no período da vazante principalmente pela dificuldade de acesso.

A seca traz consigo vários transtornos no reabastecimento de produtos para o consumo diário, gerando principalmente o aumento nos valores do comércio local. O que era naturalmente caro na comunidade, passa a ter um valor 3x maior com a chegada da vazante dos rios. A maior parte dos produtos consumidos vem diretamente da capital, transportados em “rabetas e voadeiras” que durante a enchente dos rios podem encostar próximos à comunidade, facilitando o descarregamento, mas durante a seca o cenário muda e o descarregamento se torna mais sofrido, somando ao peso muitos metros de chão de areia.

Entretanto percebemos que não importa o estado do rio, estando em fartura ou em estado de seca, as dificuldades existem e o homem precisa intervir sobre o meio para superar as adversidades da natureza. Podemos considerar a importância do rio e seus níveis de água para o modo de vida da população ribeirinha, mas isto não significa ser um fator determinante.

Especificamente durante a vazante dos rios, a dificuldade de locomoção afeta diretamente o turismo na comunidade, diminuindo o fluxo de visitantes com o aumento da distância entre a comunidade e a praia. Muitos metros de areia precisam ser percorridos para se chegar à comunidade, os poucos frequentadores se deslocam somente até a praia, fazendo com que as famílias que dependem das vendas aos visitantes, transportem seus produtos por muitos metros, se deslocando desde a comunidade até seus clientes.

As famílias indígenas que ofertam os atrativos turísticos transferem suas atividades para um local abaixo da comunidade, garantindo a facilidade de acesso para seus visitantes, dando continuidade a seus trabalhos com o mínimo de prejuízo possível ocasionado pela seca dos rios. Desta forma, os frequentadores da comunidade são os que procuram o turismo de sol e praia; os turistas a procura da oferta turística indígena; e os frequentadores das casas de veraneio, sejam os próprios donos ou seus hospedes e clientes temporários.

Dentre as seis comunidades que fazem parte da Rede de Desenvolvimento Sustentável do Tupé, a atividade turística destacou a comunidade São João do Tupé pelo trabalho ofertado pela família indígena formada por Desana/ Tikuna/ Barasana/ Tuyuka/. Esta família de forma isolada e independente da comunidade utiliza do turismo como grande fomentador e agregador da economia familiar. Junto às belas paisagens amazônicas vislumbradas desde o transporte fluvial, os indígenas também moradores da comunidade diferenciam a oferta turística apresentando uma síntese de danças e canções que caracterizam sua cultura e história. No cenário tipicamente indígena¹.

3.2 Características indígenas da comunidade São João do Tupé.

A experiência oferecida ao visitante inclui a interação cultural e ambiental, os líderes são abertos a diálogos após os ritos desde que não atrapalhem as próximas apresentações. Os diálogos são importantes para que se conheça para além da apresentação do rito². [...] o rito tem como função introduzir o indivíduo na esfera mítica. “É essa a razão por que se encontram frequentemente ligados [mito e rito]; na verdade, a união mito/rito é indissolúvel, e de fato a

¹ Uso da expressão “*tipicamente indígena*”: Ao longo dos anos a sociedade foi induzida por meio do processo civilizador a caracterizar raça, etnia, cor, religião, dentre outros, ou seja, enquadrar em caixas para uma melhor compreensão da divisão dos grupos. No Amazonas temos a comemoração anual do dia do índio onde as crianças juntamente com seus professores pintam o rosto em comemoração a este dia e realizam caracterizações que representem a mensagem da data comemorativa. As meninas usam uma saia confeccionada de jornal que remete as saias de fibra de buriti enquanto os meninos usam adornos coloridos confeccionados com penas artificiais. Desta forma, a idealização do “ser índio” foi difundida no Brasil e no mundo. Mesmo com a Globalização aproximando a tecnologia e a modernidade de longínquas comunidades indígenas, resultando em transformações no modo de ser e viver dos indígenas, ainda assim, as pessoas não desconstruíram a idealização da figura do índio no Brasil. A romantização por cristalizar a cultura e mantê-la sempre com a mesma representatividade são um dos pressupostos para a oferta e demanda de atrativos que possuem a etiqueta “tipicamente indígena”. Ao utilizar a expressão ao longo do texto, me refiro a caracterização do produto turístico.

² Utilizamos a palavra “rito” pelo significado literal: “Qualquer cerimônia de caráter sacro ou simbólico que segue preceitos estabelecidos”. Fonte: Dicionário Aurélio xxi. Desta forma caracterizar a síntese ritualística apresentada aos turistas como um ato simbólico de cerimônias que carregam a história e a cultura da família.

separação sempre foi à causa da sua decadência” Roger Callois. Op.cit p. 25 apud Soares, 2014 p.85. Eis o mistério que se tenta decifrar na tentativa de conhecer o papel do turismo na vida desta família e o quanto sua representatividade étnica pesa perante a identidade do lugar. O que verdadeiramente a família indígena oferta espí”ritual”mente aos seus visitantes durante suas apresentações?

A interação entre o visitante e a família indígena inicia de forma tímida, transcorrendo com mais leveza ao longo das apresentações e fluindo para pequenos diálogos após a apresentação do “ritual”, momento em que os visitantes se aproximam dos artesanatos e perguntam sobre sua origem, significado e as formas de produção.

Muitos comportamentos passam a ser observados durante o dia de simultâneas apresentações. Os visitantes apreciam e curtem o que está sendo oferecido. Alguns apreciam como algo exótico e aceitam as diferenças, outros acabam por não compreender os elementos que compõem a apresentação do “ritual” indígena. Demonstrando além da não aceitação a falta de respeito diante dos elementos oferecidos na oferta turística indígena.

As reações diante do que está sendo ofertado como atrativos no turismo praticado na comunidade são adversas e vão de acordo com cada indivíduo. Durante a visita as pessoas recebem como troca tudo aquilo que estão dispostas a oferecer. A vivência diante da realidade do outro permite trocas que atingem o social, cultural e o econômico, ao depender da sensibilidade do ser, este também poderá receber uma troca espiritual ao vivenciar o conjunto Amazônico oferecido, entre a floresta, o rio e as pessoas que aqui vivem tudo está interligado e tudo pode ser sentido.

As cores vão ganhando mais vibrações com os artesanatos, as pinturas corporais, os adornos e os adereços usados para enfeitar os corpos visivelmente saudáveis dos indígenas. O bem receber é executado com êxito, a sensação de estar em casa é sentida logo na entrada e prolongada por toda a visita.

Diante dos olhos, temos uma primeira belíssima impressão, um conjunto de imagens compostas pelas majestosas águas do Rio Negro e as areias brancas e finas da praia do Tupé, cercada pelas diversas tonalidades de verde advindas da floresta. A distância entre a embarcação ancorada na praia se torna maior na medida em que se adentra a comunidade. A maneira como a família indígena se organiza para receber seus visitantes depende diretamente do volume das águas do Rio Negro em seu tempo de cheia e seca.

Pensando na sazonalidade Amazônica mediante o volume das águas a família indígena construiu um segundo lugar de apresentações, um lugar que suprisse a demanda durante a cheia dos rios e outro local que suprisse a demanda durante a seca dos rios.

Os membros da família indígena preparam o ambiente e a caracterização para dar início a mais um final de semana bastante produtivo com o turismo. Arrumam os artesanatos

de forma que fiquem expostos aos visitantes. Na parte externa da oca há vários expositores de artesanatos pertencentes a diferentes membros da família. As peças colocadas à venda pertencem a várias famílias formadas a partir de uma família principal. Juntos pertencem a uma mesma linhagem familiar, mas separadamente formaram famílias paralelas. São novos pais, filhos, irmãos, sobrinhos, netos, todos se envolvem nas atividades durante os finais de semana e posteriormente compartilham a renda entre os membros participantes.

Durante a cheia do Rio Negro a família não consegue utilizar o espaço localizado na parte baixa da comunidade. Desta forma a família precisou se adequar as manifestações da natureza e criar alternativas de sobrevivência para ambos os períodos. Os visitantes desconhecem o impacto que os estágios das águas possuem para os moradores, seus interesses se resumem em aproveitar o passeio planejado e curtir a experiência.

Visando a comodidade do visitante e a continuação nas atividades voltadas ao turismo local, garantindo o fluxo constante de visitantes, mesmo que em cota mínima a família passou a trabalhar em dois lugares na comunidade. Na parte baixa durante a seca e na parte alta mais próxima a comunidade durante o período da cheia.

Pelo fato da comunidade está localizada em uma área alta, uma espécie de barranco, o período da seca castiga as famílias abruptamente, dificultando a entrada e saída da comunidade. A oca localizada na parte superior do barranco recebe os visitantes durante o período em que o rio está abundantemente cheio, facilitando o acesso do turista, tornando mais fácil seu deslocamento, não necessitando caminhar grandes distâncias até o lugar das apresentações. Tais estruturas demonstram as adequações e transformações do modo de pensar e agir em detrimento da manutenção da atividade turística local. Mantendo sua regularização e garantindo o fluxo de visitantes e conseqüentemente a renda familiar dos membros envolvidos.

A utilização da tecnologia está presente no cotidiano, seus membros fazem uso de aplicativos e ferramentas de comunicação como *whatsapp*, *facebook*, jogos, entre outros. É notória no olhar do turista, sua surpresa, principalmente dos que visitam o Amazonas pela primeira vez. Ao possuírem a idealização romantizada da figura do indígena intocável, distorcida da atualidade. Para estes o esperado é encontrar indivíduos a margem desta tecnologia, mas esta visão além de preconceituosa, não se encaixa na figuração organizacional desta comunidade.

Pouco a pouco a interferência do urbano no modo de vida das famílias de comunidades afastadas da capital se torna mais forte. A tecnologia se tornou uma grande aliada para educação a distância, levando conhecimento a lugares remotos da Amazônia, formando pensadores e transformadores do próprio meio em que vivem. O conhecimento proporciona um novo pensar sobre realidade, os jovens possuem por meio da tecnologia a oportunidade de crescimento para além do roçado e da pesca. Conhecem o mundo mesmo permanecendo no mesmo lugar e o mundo os também os conhecem.

Apesar da grande proximidade com a modernidade e a tecnologia da cidade de Manaus, esta família indígena em sua grande maioria da etnia Desana, também membros da comunidade São João do Tupé, lutam para que seus costumes permaneçam vivos para as futuras gerações, mantendo tradições, rezas, benzimentos e a linguagem por muitos esquecidos[...] Os conhecimentos destas sociedades nunca deixam de ser transmitidos, da mesma forma que os mantêm, eles reatualizam suas tradições (SOARES 2014).

Em meio às dificuldades financeiras que encontram para manter e sustentar uma grande família, os índios Desana veem no turismo uma atividade econômica que somada às outras atividades já praticadas na comunidade, agregam na renda familiar dos moradores. O que vemos é uma mesclagem entre tradição e modernidade. Não se abandona modos de vida tradicionais que foram ensinados pelos mais velhos, como crenças e práticas que possuem fortes influências nas atividades executadas no cotidiano, da mesma forma que não se pode impedir a aproximação da tecnológica e suas influências sobre a atualidade. Novos padrões comportamentais e sociais vão surgindo, novas figurações surgem na medida em que a interferência do externo se torna mais forte.

Discussões quanto à imagem do indígena no Amazonas surgem. Questionamentos e incompreensões vão de encontro com o que se imaginava ser um padrão estético e comportamental e que hoje se apresenta em uma versão totalmente diferente. Todos estão sujeitos a mudanças e adequações. Há muitos anos o ser humano vem transformando o meio ambiente para sua própria sobrevivência. Quanto à discussão voltada principalmente ao comportamento indígena exposto na comunidade São João do Tupé quanto às mudanças visivelmente inseridas com a presente modernidade, precisamos analisar questões para além da modernidade globalizada que afeta todos independente de etnia, raça e cultura.

A comunidade sofreu diversas mudanças desde a sua implementação como “Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé”. Houve uma reconfiguração social, econômica e cultural. Não foi somente a mudança na nomenclatura documental sobre o espaço da comunidade que mudou, comportamentos e atitudes diante da nova realidade vivenciada precisaram também se modificar, um exemplo simples vemos na produção dos artesanatos vendidos ao visitante, à utilização da matéria prima antes extraída da floresta precisou ser substituída pela artificialidade encontrada no centro de Manaus. A aproximação com a matéria prima manipulada nas indústrias resultou na perda para além da naturalidade e afetou a singularidade do artesanato indígena local.

Os artesanatos expostos possuem características de outro local e cultura, dando a entender que não há uma demonstração cultural local e sim uma venda descontrolada de uma cultura miscigenada. As máscaras colocadas à venda como artesanato local chamam atenção por revelar a mistura cultural existente. Tais elementos causam estranheza por conter características africanas e não indígenas, suscitando dúvidas quanto à singularidade da

identidade indígena no Amazonas.

Fazendo uma análise do material e das formas de construção do produto final com base em nossas observações e conversas com as artesãs do artesanato ofertado aos turistas. Podemos descrever principalmente a readequação e reestruturação do artesanato local as novas figurações. Fibras e penas antes utilizadas como principais elementos na criação das peças são restritos pelo Plano de Manejo que estabelece as práticas dentro da Reserva do Tupé.

Os artesanatos vendidos na oca são ornamentados com matéria prima comprada na capital e confeccionados manualmente durante a semana, para serem vendidas no final de semana, quando recebem o maior fluxo de visitantes. As peças não carregam a naturalidade da matéria prima extraída direto da natureza, mas trazem consigo a naturalidade da arte na confecção do artesanato indígena. Desta forma não podemos exigir a imagem idealizada do indígena na época da colonização, pois mudanças no modo de vida e nas práticas culturais indígenas aconteceram e trouxeram uma nova forma de se enxergar o indigenismo no Brasil.

3.3 A Síntese Ritualística como atrativo

O colorido das penas, a destreza nos artesanatos e a arte através das pinturas juntaram-se ao conjunto que forma a oferta turística perfeita. Um rótulo para o turismo em comunidades Amazônicas, detalhes apresentados ao olhar do turista como boas-vindas. Como se recebessem dizendo: Sejam bem-vindos à nossa rica simplicidade! Um encontro de culturas, diferentes modos de vida e de comportamentos que nos define e nos difere um dos outros. Somos um só, independentemente da cor, raça e etnia. Somos apenas corpos dividindo um mesmo espaço-a Amazônia.

A apresentação do “ritual” depende do “bolso” e do tempo de cada visitante. As músicas duram de 2 a 3 minutos. O “ritual” apresentado é iniciado com uma recepção de boas-vindas à comunidade visitante na língua Desana. Trata-se de uma canção instrumental com os homens tocando o instrumento denominado *carriço*, ao seu lado suas mulheres os acompanham dançando ao som dos batusques e tambores dos demais membros da família, que tocam ao fundo da oca. A família reunida forma uma sintonia com os instrumentos e as pisadas ao chão batido de terra.

As histórias contadas durante as apresentações dão vida aos mitos e crenças. Batusques em ritmos alternados se misturam as vozes graves dos homens, acompanhadas das afinadas vozes das mulheres. Há uma mesclagem de gerações que dançam e cantam juntos a mesma canção, escondendo o português para dar lugar a língua Desana e Tukana.

As famílias se uniram para manter a realização deste atrativo turístico recebendo em troca da perseverança os benefícios de se manter viva a história, mesmo que esta tenha sido modificada através do tempo e das pessoas.

Formou-se uma rede de interdependência entre os participantes diretos do turismo,

responsáveis pelos atrativos- a família indígena, e os que ajudam em sua divulgação- as agências de turismo. Alguns membros da comunidade estão cientes quanto aos benefícios que o turismo pode proporcionar, mas precisam fazer valer o significado da palavra comunidade e se unirem para que o fluxo de visitantes seja contínuo, contribuindo com a renda de famílias que obtém do turismo seu único sustento.

Para o autor Zygmunt Bauman (2003) atuante em trabalhos críticos com temáticas que nos ajudam a compreender conceitos como comunidade, diferença e desigualdades, a palavra comunidade está além de apenas um significado, traz consigo sensações e sentimentos atrelados à idealização de uma vida tranquila com os indivíduos que compartilham da mesma realidade em comunidade.

Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. Podemos discutir — mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso estar juntos ainda melhor e mais agradável do que até aqui e, embora levados pela mesma vontade de melhorar nossa vida em comum, podemos discordar sobre como fazê-lo. Mas nunca desejamos má sorte uns aos outros, e podemos estar certos de que os outros à nossa volta nos querem bem. (BAUMAN 2003)

Obter uma convivência em comunidade que não se tenha conflitos durante as interações sociais dos indivíduos, seria uma forma romantizada de enxergar o contato existente na socialização entre indivíduos.

A palavra comunidade traz consigo diversas traduções que leva aos seus membros

o compartilhamento de algo comum entre eles seja este um compartilhar social, geográfico ou religioso. A comunidade pode compartilhar de muitos aspectos, mas ao se tratar do turismo, este se limita a poucos membros. Mesmo que estes não compreendam que o turismo também contribui de forma indireta para a renda familiar através do capital de giro dentro da comunidade. Não se precisa estar trabalhando diretamente com o turismo para ser beneficiado por ele. O pequeno comerciante dentro comunidade se beneficia do turismo tanto quanto a família indígena. O turismo nesta localidade faz gerar emprego e renda dentro e fora da comunidade, forma uma teia que interliga desde o dono do flutuante de onde partem as lanchas até o pescador que vendeu o peixe para a barraca na praia. O exemplo usado é apenas uma ramificação desta teia, pois o turismo no Amazonas fomenta emprego e renda para todo o estado.

Os membros da comunidade em geral compartilham dos benefícios da presença do turista atraído pela oferta da apresentação do “ritual” ofertado pela família indígena Desana. Posteriormente este mesmo turista conhece a praia, consome os produtos vendidos nas barracas e indiretamente fomenta a renda familiar das demais famílias que se dizem não depender do

turismo, mesmo dependendo do mesmo público. A intolerância étnica religiosa inibe a compreensão pelo diferente e faz com que muitos membros não queiram aceitar a convivência em comunidade.

Os corpos enfeitados refletem as características físicas indígenas³. Nos homens, seus troncos esbanjavam virilidade, resistência e força, desde o mais velho ao mais jovem da família, todos possuem um biótipo semelhante. Quanto às mulheres, esbanjam longos e brilhosos cabelos pretos que reluzem sob a luz do sol lhes dando orgulho pela beleza dos mesmos, algumas usam as belas madeixas para disfarçar a nudez nos seios, que independentemente da idade, todas os deixam a amostra.

Embalados pelos diferentes instrumentos, sejam os de sopro ou de batuque. Surgem os ritmos e melodias que dão corpo as canções. Os pés largos e descalços sincronizam fortes pisadas, o corpo remexe ao ritmo do som e do outro. Esses detalhes realçam a riqueza de uma cultura viva, compõem o conjunto de atrativos turísticos que encantam os turistas advindos de diversos cantos do mundo. Talvez para muitos visitantes o que se encontra não é bem o esperado pelo imaginário que se tem do indígena no Amazonas, mas ao final descobrem que não se trata de uma descaracterização cultural e sim a vivência das novas dinâmicas culturais adotadas pelos Desana.

Durante o interstício da musicalidade do “ritual” há espaço para que a liderança da família conte a origem de seu povo, uma síntese de suas simbologias que valorizam o imaterial e o imaginário da mitologia indígena Desana tradicionalmente transmitida.

A narrativa de sua origem baseia-se em um mundo paralelo, um mundo visível diante dos nossos olhos, faz parte da crença particular de cada um. A sacralidade dos instrumentos usados durante o “ritual” está diretamente ligada à origem deste mundo paralelo, responsável por manter vivas tradições culturais da etnia Desana. Para Loureiro (1995), os elementos da natureza e os contextos mitológicos do imaginário cultural amazônico estão intrinsecamente ligados à imensidão do espaço geográfico onde a Amazônia está localizada, pois tudo parece imensurável. Seja no plano terrestre ou espiritual.

O líder detentor e responsável por manusear o bastão narra a seguinte história: Com o instrumento *bastão sagrado do “ritual”* em mãos, o Sr. José Maria explica que o Deus chamado *Borika* marcou com o bastão, sul-norte, leste-oeste, conforme o comprimento do bastão. *Borika* demarcou o mundo indígena localizado no alto Rio Negro, no município de São Gabriel da Cachoeira na fronteira com Colômbia, Venezuela e Brasil. Após esta demarcação ele legalizou as terras, unindo todas as etnias diferentes do alto Rio Negro, dentre elas estão os Desana/ Tukano/ Tuyuka/ Barasana.

³ A característica dominante entre os Desana não se caracteriza por sua estrutura física, mas em sua ancestralidade. A descrição física no texto se refere aos aspectos estéticos vislumbrados pelos turistas durante a visita.

Todas as etnias passaram a dançar dentro e fora das ocas com o instrumento *tubo de ritmo*. Do meio da roda de dança o Deus *Borika* elevou o instrumento *tubo de ritmo* à altura de um metro elevando junto todos os povos indígenas, em seguida tocou-o novamente no chão. *Borika* subiu aos céus finalizando a criação da área indígena. Esta narrativa é transmitida pelo Pajé curandeiro *KISSI SUMU* a todos os seus descendentes, uma forma de manter viva a tradição através de conhecimentos transmitidos entre as gerações indígenas.

Na literatura Desana⁴: *Antes o mundo não existia*, onde podemos encontrar a Mitologia dos antigos Desana-Kehípõrã, e a descrição de seus muitos mitos. Destacamos o mito da “Cobra-Canoa” ou “Canoa de Transformação”, uma narrativa na visão deste povo, O mito da cobra-canoa é o mesmo mito conhecido na etnia Tukano, apresentando algumas variações nos seus elementos míticos. Segundo Kehíri, Tõrãmu (1995), a origem⁵ Desana é milenar. Seus antepassados eram invisíveis, passando a assumir a forma humana após o Deus *Borika* construir uma canoa na forma de cobra.

Essa Canoa de Transformação se parecia com as lanchas dos Brancos de hoje: as cavernas entre as costelas representam as costelas do ser humano, o quilhão do barco, o seu espinhaço, a cobertura, a sua barriga e a tampagem, a sua pele. Eles construíram o barco com a madeira da árvore abiurana do rio e pintaram-na em seguida com tintas brancas, cinzentas e vermelhas. Para os *Umurĩ Mahsã* ela era uma canoa, mas na realidade era uma cobra. Por isso, os antigos a chamavam também de *Patũrĩ pĩrõ*, isto é, Cobra de Transformação. (DIAKURU & KISSBI, 1996, p.169).

Bmukosurãpanami e Bmukomahsã Boreka, os chefes dos Desana vinham como comandantes dessa cobra-canoa. A canoa desceu pelo leito do rio, partindo do Rio de Janeiro em direção ao rio Uaupés. Ao chegar à Cachoeira Ipanoré os Desana saíram em quatro buracos, adquirindo a forma humana. Os animais estão presentes na simbologia que as lendas representam, a cosmologia indígena faz parte de sua realidade, a floresta mantém sua extensão no homem, assim como o homem é uma extensão da natureza, ambos fazem parte de um único cosmo. Os espíritos presentes na fauna e na flora da floresta Amazônica fazem parte do crescimento e do fortalecimento do homem, este, porém mantém uma relação de medo e respeito para com os mistérios e encantos advindos da floresta.

O Bisneto do Mundo, portando seu bastão cerimonial, ia na frente da canoa e seu irmão no centro; dentro da canoa levavam as riquezas que se tornariam a futura humanidade. A embarcação vinha como submarino no fundo da água e a humanidade veio como Gente Peixe. Os enfeites mágicos eram aportados à margem do lago e fundavam ali a população do lugar. As Malocas da Transformação estariam às margens do que seriam Rio Negro, Rio Amazonas e litoral do Brasil. A cobra, portanto, é a genitora, e o Lago de Leite seria o útero, sendo a responsável pelo transporte de todas as etnias pelo leito do rio e, por fim, o homem branco. Essa seria a visão dos Desana sobre a origem da humanidade. LIMA, Priscila Passos de; MAISEL, Priscila de Oliveira Pinto (2017)

⁴ Os “Dessana”, de origem do Alto Rio Negro, apesar de terem o nome na forma mais conhecida de escrita com dois “ss”, são também encontrados na literatura como Desana (com apenas um “s”), como no livro: “Antes o mundo não existia, Mitologia dos antigos Desana-Kehípõrã”.

⁵ Cada etnia possui uma versão diferente sobre a criação do mundo, suas interpretações seguem suas crenças, trazendo na mitologia a raiz para sua formação étnica. A versão da criação do mundo é relatada sobre a versão Dessana no livro: O mundo não Existia de Kehíri, Tõrãmu (1995). Fonte: LIMA, Priscila. O mito da cobra-canoa dessana na obra dos artistas bernadete andrade, turenko beça e priscila pinto. Disponível em: <http://anpap.org.br/> Acesso em: 23 setembro 2018.

Durante a apresentação cultural do “ritual”, alguns instrumentos importantes na cultura indígena Desana são apresentados. O líder do “ritual” Sr. José Maria é o responsável por organizar e liderar as apresentações distribuindo as funções para cada membro. Em seu discurso durante as apresentações ele apresenta a funcionalidade de cada instrumento utilizado. O instrumento *Jurupari*⁶ era usado quando se tinha festa de oferta de frutas. “*a família saía para a floresta colhia muitas frutas silvestres amontoavam ao centro da oca suas colheitas e convidavam outras famílias para ofertarem as frutas a elas*”.

Cada parte do instrumento carrega um significado e uma utilidade, seu uso exige habilidade e conhecimento da sacralidade que ele representa. Os instrumentos são apenas um dos muitos objetos e lugares considerados sagrados para a família indígena. Todos os membros da comunidade sendo eles indígenas ou não possuem uma sacralidade a ser respeitada, seja no modo de vida, nas diferentes crenças religiosas ou até mesmo na maneira em que cada um sustenta suas famílias. O respeito ao espaço do outro precisa ser preservado em prol da ordem na comunidade. Este instrumento de sopro de som forte exige fôlego e prática dos homens simbolizando a oferta em especial de frutas.

Miriá-põ’ra , trompetes e flautas jurupari. Família de instrumentos sagrados vedados às mulheres (se elas os virem, podem morrer), comuns a todos os grupos da região do ARN. Os trompetes são aerofones cujo corpo principal é um pedaço de tronco de palmeira paxiúba (wata-yõó) 39 de tamanho variando entre 40 a 70cm de comprimento, com 4 a 6cm de diâmetro, que funciona como tubo livre para o sopro e a vibração labial que produz o som. Esta parte do instrumento é conservada enterrada debaixo 53 d’água, em lugares escondidos dos igarapés. Em torno desta peça, enrola-se de forma espiralada uma comprida tira de casca de árvore, fixada por cipós amarrados a duas varas do tamanho do instrumento. Este fica maior que o tamanho do tubo, que fica saliente na parte do bocal, o resto estando por dentro. O corpo de casca enrolada serve de ressonador. As flautas são menores, feitas de madeira de palmeira jupati (bupu-yõó) 40, com aeroduto interno e defletor de cera de abelha, o som saindo por um único orifício logo abaixo do bocal (como o japurutú), afinado através de um pedaço grande de folha de palmeira amarrado. PIEDADE, Acácio Tadeu. (1997. P.53)

Outro instrumento utilizado em festas é o *Japurutu* utilizado em ofertas de carnes e peixes assados, possui um som mais agudo e também exige fôlego dos homens que os tocam, na ponta do *Japurutú* são fincados peixes e carnes assados que serão conquistados ao final da dança pelas mulheres dançarinas do “ritual” de oferta. Faz parte desta dança homens e mulheres que se posicionam abraçados lado a lado.

Flautas japurutu é um par de flautas longas, de madeira bupu-yõó (jupati, da família das palmeiras), e não de paxiúba, como consta em Brüzzi (1977:270) -estas duas madeiras são muito importantes na simbologia Tukano. As duas flautas japurutú são iguais, variando apenas o tamanho, a afinação e a simbologia: a flauta maior, com cerca de 1,5 metros, é aproximadamente 15 cm maior e soa um tom abaixo da outra, sendo a flauta “chefe” ou “homem” a que comanda a sequência de notas, enquanto a menor (“mulher”) é a que responde, devendo dar a nota correta a partir do que o chefe tocou, em hocket-style. Ambas as flautas não têm orifícios para dedos, tendo aeroduto interno e defletor de cera de abelha, o som saindo por um único orifício logo abaixo do bocal, sendo afinado por meio de

⁶ O nome **Jurupari** também é dado a um personagem mitológico dos povos indígenas. O povo Mawé retrata Yurupari como um demônio ou como o próprio mau, aquele que deu origem à outros demônios (como os Ahiãg ou os Mapinguary).

uma palheta de folha de palmeira amarrada. A técnica labial para japurutu trabalha os sons harmônicos, portanto cada instrumento utiliza uma gama de 5 notas; As músicas para japurutú são quatro e podem ser executadas separadamente e em diversas ocasiões, por exemplo num Dabacuri. Podem ser tocadas por músicos sentados, ou dançando lado a lado, quando cada um segura seu instrumento com a mão externa e o braço interno abraça o companheiro pelo ombro. PIEDADE, Acácio Tadeu. (1997. p. 52)

Soares (2014, p.61) cita o exemplo da cultura ocidental que “utiliza-se da escrita fundamentalmente para comunicar seu desenvolvimento, sua história e toda sua vida”. Em nossa atualidade a oralidade perdeu o poder durante o processo da dinâmica cultural. Os jovens não se interessam por ouvir os ensinamentos e as histórias dos mais velhos, pois a internet se apresenta muito mais interessante com suas inúmeras distrações. Podemos afirmar que os costumes foram informalizados, havendo grande necessidade do resgate dos conhecimentos e ensinamentos através da escrita, da oralidade e de práticas tradicionais voltadas à valorização cultural.

Ao final das manifestações sintetizadas do “ritual”, os visitantes ficam à vontade para circular pela comunidade, apreciar o artesanato e conversar com os membros e líderes. Aos poucos a “descaracterização” é realizada. As mulheres se cobrem com vestimentas condizentes com ao contexto urbano.

Cada cultura possui aspectos centrais que podem ser comunicáveis entre diferentes culturas, mas existem aspectos intraduzíveis, que dizem respeito somente à excentricidade cultural local, ou seja, é difícil tentar entender ou traduzir o que não se vive culturalmente, deixando apenas a certeza de sua existência, não da sua compreensão. “Cabe a cada saber ou prática decidir o que é posto em contato e com quem é posto em contato” (SANTOS, 2008, p. 130).

Nossa anfitriã Miriam filha do Pajé Raimundo Vaz usa o momento das apresentações culturais do “ritual” para promover a etnicidade de sua família, afirmando a importância da atividade que exercem para a valorização da cultura e do modo de vida abandonado por muitos membros também indígenas. As dificuldades em manter a própria identidade perante a forte influência do externo é sentida diariamente, fazendo com que membros da própria família indígena optem por um modo de vida longe dos costumes indígenas. Para Soares muitas traduções vão se fazendo presente para uma melhor compreensão do outro:

A ornamentação do corpo pode ser temporária ou permanente: no grupo da decoração temporária estão as pinturas de jenipapo ou de urucum, um adereço utilizado apenas durante um “ritual”. Cada elemento da decoração pode ser encontrado nos mitos, onde encontra-se a chave para a compreensão da vida de uma sociedade indígena brasileira. (Soares 2014, p.62)

Entende-se que a cultura e o modo de vida dessas populações receptoras do turismo em suas comunidades vão se adequando no espaço e no tempo em que estão vivendo, sempre haverá a necessidade da recriação, mas com cautela para que nesta recriação os valores tradicionais pilares na sua etnicidade não sejam mudados. Perante os vários processos na qual uma cultura é submetida quando se encontra em constante contato, somamos a nossa compreensão a clareza das palavras de CARNEIRO DA CUNHA (1987).

A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situação de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e

que cresce as outras, enquanto se torna cultura de contraste: este novo princípio que subte, a do contraste, determina vários processos. A cultura tende ao mesmo tempo a se acentuar, tornando-se mais visível, e a se simplificar e enrijecer, reduzindo-se a um número menor de traços que se tornam diacrítico. (CARNEIRO DA CUNHA, 1987, p. 99).

A autora contribui para nossa compreensão da identidade indígena, esta não se apresenta somente na vestimenta, no modo de vida e nos comportamentos diários, A identidade indígena vem da ancestralidade e nunca será perdida, está na pele, cravada como escarificações, para sempre marcadas, mesmo para aqueles que não desejarem mais tê-las, ao olharem para si, as verão. *“O esquecimento, longe de ser um ato único e explícito, de uma evidente materialidade, é algo cujos efeitos se encontram disperso em uma multiplicidade de narrativas, de lendas e de imagens”* (OLIVEIRA FILHO, 2009, p. 2)

Considerações Finais

Nesta pesquisa pudemos trabalhar com várias categorias, nos possibilitando idealizar muitas hipóteses. O estudo na comunidade compartilha de categorias como sustentabilidade, meio ambiente, políticas públicas ambientais e o turismo que juntas incorporam as interações sociais entre os sujeitos internos a comunidade e seus visitantes. Aos poucos os usuários da praia e da comunidade tiveram que reconhecer o sentido das palavras sustentabilidade e meio ambiente para que a vida territorial deste pequeno espaço da Amazônia possa ser usufruída no futuro por nossos filhos e netos. Digamos que a consciência ambiental foi despertada na medida em que houve a percepção da importância do lugar, tanto financeiramente quanto ambientalmente.

Diante das mudanças naturais da globalização, a comunidade se viu obrigada a fazer parte deste novo universo de informação e tecnologia, deixando de ser uma comunidade isolada na zona rural de Manaus para se adequar as novas figurações. Tais mudanças culturais influenciaram diretamente nas práticas tradicionais dos moradores, que tiveram que se adequar as novas formas de vivência, adequando o modo de vida aos novos padrões dentro da comunidade.

O turismo veio contribuir para a valorização e aceitação das etnias presentes na comunidade, recuperando o orgulho de ser indígena e retomando as práticas tradicionais esquecidas. Perceberam o valor cultural que carregam nas veias, sua importância para a história e para sustentabilidade do local que habitam.

O sopro dos instrumentos ganhou mais fôlego, os artesanatos mais cores, assim como as famílias sendo indígenas ou não, buscam fazer do turismo uma alternativa de subsistência, aproveitando os benefícios que a atividade turística pode proporcionar. Formou-se uma teia de interdependência através do turismo. Começaram ganhando visibilidade local, com as universidades e o poder público, em seguida, sua visibilidade chegou a uma escala mundial.

Cada família que permitiu ser observada, que se permitiu fazer parte deste estudo, deixava transparecer a sua contribuição para a caracterização do lugar, cada indivíduo ali presente traz para o lugar uma representatividade diferente. Todos são importantes para o

crescimento e o amadurecimento da convivência em sociedade e uma convivência em comunidade. Ambos compartilham o mesmo espaço, mas não compartilham das mesmas vivências. Viver em comunidade representa não somente usufruir da calma de um lugar pacato, mas compartilhar melhorias conjuntas, pois as extremidades do lugar não permitem a dissociação de uma vida em sociedade. Tudo está muito próximo, os filhos, a escola, o meio ambiente, o rio, a floresta, as pessoas estão logo ao lado. Até mesmo o tempo é compartilhado no mesmo movimento, tornando estreitas as diferenças entre os indivíduos presentes nesta mesma realidade.

Ao longo do tempo e do espaço passamos a ser cada vez mais miscigenados pelo meio à nossa volta e pelas pessoas com as quais mantemos contato. Aos poucos, a linguagem e as expressões são compartilhadas e aprendidas durante um único encontro entre a comunidade receptora e os novos visitantes. Ambos levarão deste contato algo que os transformará no ser, no ver, ou apenas no pensar. Desta forma se torna impossível a não modificação dos indivíduos que estão a todo instante em contato com as diferentes culturas e padrões comportamentais. Algo sempre é absorvido, seja do lado interno ou externo a comunidade. Não se pode impedir a reconfiguração do ser indígena diante de tamanha troca cultural.

Referências

ANGROSINO, Michel. Etnografia e observação participante. Portuguese language by Artmed Editora S.A. 2009.

BURSZTYN, I.; Comercialização no Turismo de Base comunitária: inovar é preciso! In: Cristiane Barroncas Maciel Costa Novo, Jocilene Gomes da Cruz (Org.). Turismo comunitário: reflexões no contexto amazônico. Manaus: Edua, 2014.

COMAROFF, Jonh L.; Jean. Ethnicity, Inc. Chicago: the University of Chicago Press, 2009.

ELIAS, NORBERT. Was its a Soziologie? München: Juventa Verlag. 1970.

_____. Estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade/ Nobert Elias e John L. Scotson; tradução, Vera Ribeiro- Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FARIA, José Henrique de. Poder e relações de poder nas organizações 2003. Disponível em: <<https://ufpr.academia.edu/JoseHenriqueDeFaria>> Acesso em 16 de janeiro de 2016.

GIL, Antônio Carlos, 1946. Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

GRUNEWALD, Rodrigo de A. *Os índios do descobrimento: tradição e turismo*. Contra Capa: Rio de Janeiro, 2001.

_____. Turismo e etnicidade indígena: novas tendências a partir do caso Pataxó. Manaus: Edua, 2014.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. – 1.ed., 13. Reimpr.- Rio de janeiro: LTC,2008.

Kehiri, Torãmu. *Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana- Keríripõrã / Tõrãmu kehíri, Umusí Pãrõkumu; desenhos de Luiz Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995.*

LAGE, Beatriz Helena Gela; MILONE, Paulo César (Organizadores). Turismo: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.

LIMA, Priscila. O mito da cobra-canoa dessana na obra dos artistas bernadete andrade, turenko beça e priscila pinto. Disponível em: <http://anpap.org.br/> Acesso em: 23 setembro 2018.

LEFF, Enrique. Saber Ambiental: racionalidade, complexidade, poder. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis (RJ), Vozes, 2001.

MOLINA, Sérgio; RODRÍGUEZ, Sérgio. Planejamento integral do turismo: um enfoque para a América Latina. Bauru: EDUSC, 2001.

NÓBREGA, W. *Turismo: planejamento e políticas públicas na Amazônia*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. *As mortes do indígena no império do Brasil: o indianismo, a formação da nacionalidade e seus esquecimentos*. In: Cultura política, memória e historiografia. cecília azevedo, d. rolleberg, p. knauss, m.f. bicalho e s.v. quadrat (orgs)fund. getúlio vargas. Rio de janeiro.pp.1 – 33, 2009.

SANSOLO, D. G.; CRUZ, R. C. A. Plano Nacional do Turismo: uma análise crítica. Caderno Virtual de Turismo, v. 3, n. 4, p. 1-6, 2003.

SANTOS, Boaventura.de Souza. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. 2ºed. São Paulo: Cortez, 2008.

SJÖBERG, Katarina. *The return of the Ainu: cultural mobilization and the practice of ethnicity in Japan*. Chur: Harwood Academic Publishers, 1993.

SOARES, Artemis de Araújo. O corpo na Ritualística Tikuna. Manaus: Edua, 2014.

TURNER, B. et al. The Body Social Processand Cultural Theory. London: Sage, 1995.

ZYGMUNT, Bauman. Comunidade: A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.